



NO CARNAVAL : Os ultimos retoques para o baile—(Cliché Benoitel)

N.º 363 Lisboa, 3 de Fevereiro de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha :

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietario: J. J. DA SILVA GIRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

CONSULTAE ESTE HOMEM. E' NOTAVELMENTE HABIL.

Muitas pessoas de alta categoria e competencia dizem que ele lê na vida de cada qual, como um livro aberto



O Professor Clay Burton Vance

Oferece gratuitamente Horoscopos de Ensaio, em portuguez, a todos os estimaveis Leitores do SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS que lhe escrevam sem perda de tempo, quanto antes.

Quem se claramente informado a respeito das cousas que lhes podem interessar: Negocios, Casamento, Mudanças de Vida, Occupações? Querem saber ao certo o que devem pensar dos Amigos e Inimigos, e conhecer o meio de alcançar o melhor exito na vida?

Estão atualmente despertando a attenção de todas as pessoas, que se interessam pelas experiencias misticas, os trabalhos do Sr. Clay Burton Vance, que sem alardear dons especiaes, nem um poder sobrenatural, procura revelar o que a vida reserva a cada qual, com auxilio d'este dado tão simples: a data do nascimento. A exactidão incontestavel das suas revelações e predições faz pensar que até agora Chirromantes, Advinhos, Astrologos e Videntes de todos os seculos não haviam logrado applicar os verdadeiros principios da ciencia de desvendiar o porvir.

Em virtude d'negociações lavradas a cabo, podemos oferecer a todos os Leitores do Supplemento de Modas & Bordados, uma Leitura d'Ensaio gratuita, ou Horoscopo parcial. E' necessario, porém, que as pessoas que quizerem aproveitar este offerecimento façam o seu pedido sem demora. Aqueles que desejarem, portanto, uma descripção da sua vida passada e futura, que quizerem receber uma enumeração das suas caracteristicas, talentos, aptidões, uma indicação das occasões que se lhes proporcionam, não tem mais que enviar o nome, a morada, a indicação do sexo, a do dia, mez e ano do nascimento, e a copia feita pela propria mão dos versos seguintes:

«Vosso poder é grande, é assombroso,
Ao mundo a fama diz;
Do meu porvir rasgando o veu nebuloso,
Dizeis:—Será feliz?»

Dirigi a vossa carta a: Clay Burton Vance, Suite 2008, E. Palais Royal, Paris (França). Será conveniente incluir na carta 150 réis em estampilhas postaes, portuguezas (ou 500 réis em estampilhas brasileiras) para despesas de porte e de escritorio. Notar que as cartas para França devem ser franqueadas com 50 réis, moeda portugueza (ou 200 réis moeda brasileira). Não se deve incluir na carta dinheiro amodado.

«Recebi o meu Horoscopo, escreve o Sr. Lafayette Reddi. Foi com verdadeiro assombro que li n'ele, FASE POR FASE, A MINHA VIDA DESDE A INFANCIA ATÉ AGORA. Ha anos que este genero de estudos me interessa, mas nunca me jussára pela ideia que fôsse possivel dar opiniões e conselhos de valor tão incalculavel. Sou, portanto, forçado a confessar que V. é na verdade um homem extraordinario, e muito folgo que possa fazer aproveitar, áquelles que o consultam, das suas admiraveis facilidades.»

«Tenho muita alegria, escreve Miss Loretta Harvey, em exprimir a V. a minha completa satisfação pela Leitura horoscopo da minha Vida. V. salvou-me de muitos erros; lamento não o haver conhecido ha mais tempo. Para mim, o seu poder é inexplicavel; mas constitue um grande beneficio. O negocio a respeito do qual V. me deu um conselho especial, realizou-se como V. havia indicado.»

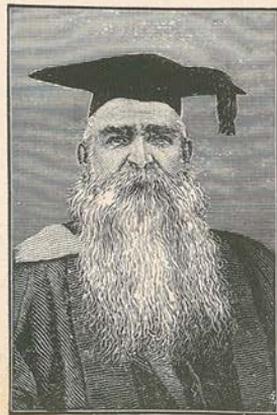
Prof. DIXON, Mestre em Artes

(Vaya-se a fol-grafia abaixo)

Director do Observatorio Lanka
Membro da Sociedade Astronomica de França,
Membro da Sociedade Astronomica de Alemanha, escreve:

PROF. CLAY BURTON VANCE:

Meu caro Sr. — Recebi a sua carta e a Leitura Completa da Vida. Estou completamente satisfeito com a sua Leitura, que é em quasi todos os pontos tão exacta quanto possivel. Parece extranho que V. se tenha referido aos meus incomodos de garganta. Precisamente, acabo de ser atacado por elles de modo bastante serio. Estes incomodos aparecem sempre duas ou tres vezes por ano. Tenho a certeza de que não deixarei de recomendar aos meus amigos, que desejarem ter uma Leitura da sua Vida.



Mestre em Artes,
Bacharel em Sciencias.

Pó de Talco de Toilette



COLGATE & C.^o New-York

Antiseptico
Absorve a transpiração
Amacia e relaxa a pele

Agenciaes geraes:

LIMA NETTO & C.^o
141-A. R. da Prata, 147 - L. SBOA

Contra 50 réis em estampilhas receber-se-á uma pequena lata d'este pó como amostra registada.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anonyma respons. limitada

CAPITAL:

Accões.....	300.000\$000
Dividends.....	303.870\$000
Fundos de reserva e amortização.....	309.870\$000
Reservas.....	107.320\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreiro (Tomar), Penedo e Casal de Hermosa Louza), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e d'abonduo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina, continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nationaes. Escritorios e depositos em

ISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 5

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: COMPANHIA DO PRADO. Numero telefonico: Lisboa, 908—Porto, 117.

A VENDA

Almanach

do "Seculo"

PARA

1913

FARINHA LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO para crianças e pessoas doentes.

O VELHO CARNAVAL

O Carnaval, patuço e folião, teve e tem, como os graves guerreiros, as suas armas de arremço e, como os diplomatas, as suas armas de inteligência. As primeiras foram, todavia, mais poderosas. O bacamarte do Carnaval foi o ovo com cinza, a sua capulta foi a sacada de tremoços, a sua folha de Toledo as setas bem assopradadas, como a sua manifestação espiritual consistiu na intriga gracil.

Os nossos avós brincavam como gente robusta, n'uma a'firmção de que aguentavam bem uma caqueirada e tinham bojo para comer uma filhó d'estopa; os nossos paes passaram a fazer chover tremoços e cartuchos de pós sobre os pasmacentos do Chiado. Lindas foram as nossas antepassadas, empoadas com farinha triga quizes moleirinhas autenticas, como as senhoras de agora são bizarras com os penteados cheios de *confetti*, um estrangeiro intruso que se metteu na vida do nosso carnaval com a ardileza d'um Mazarini na politica de França a dominar.

N'aqueles tempos não se podia atravessar impunemente uma rua; o chapéu alto era detestado nos dias de entrudo — então chamava-se assim á quadra — e o transeunte para sair devia pr. venir-se tanto com um guarda-pó como um caçador de leões com uma boa carabina.

Ao cabo da folia tinha-se, pelo menos, um galo na cabeça e um amor no coração, porque n'aquele foliar travesso sempre se apanhava com um punhado de gesso e uns olhos negros, fuzilando a travéz de uma mascara, nos apanhavam travessamente. Aquilo era assim. No primeiro dia, a fascinação d'esse olhar; no segundo, a ancia de desvendar o misterio; no terceiro, ao

1. Velhas figuras do Entrudo—2. O carro de S. M. Carnaval XXXV,il passando nas ruas de Nicee.



1

dos de trajos exquisitos, caricaturas monstros, exageros, que das janelas eram alvejados por inclementes tiroteios.

Depois, em quarta-feira de cinzas, a longa fila dos velhos de Entrudo, dos palhaços, dos homens vestidos de mulher, desfilava do Governo Civil para a Boa-Hora, tonta, avinhada, indo pagar com algumas se-

bater das ultimas badaladas da meia noite, já se estava decidido a nunca mais sentir que n'aquelle rosto se puzesse uma mascara. Quantos casamentos fez o Entrudo e quantos os destinos se decidiram entre mascarados nos cantos das salas, enquanto se foliava! Calculem o que seria um arlequin jurando amar eternamente uma pierrette gracil!

Nas ruas passavam os mascarados.



2



3

1. O carnaval em Meudon—2. Na gare de Monte-Carlo: a caminho para o carnaval de Nice
3. Cenas do carnaval em Nice. (Clichés Chausseau Flaviens).

manas de Limoeiro as tro-
peliás que fizera na Baixa
alarmada pelas guiseiras dos
trens, pelos gritos das mas-
caras, pelo estralejar dos

em certo ano da graça, o ovo, en-
feirado junto a uns arames esticados
na Avenida, viu passar, no alto de
um carro enfeitado a fitas, tilintante de
guisos, um cavalheiro de smoking, com
uma mascarilha no rosto, cum-
primando para a direita e
para a esquerda. Foi n'esse ano
—por nossa culpa— que a fa-
rinha passou a ser um delito
atirada á rua, como o pó de
goma e o tremçoço um atenta-
do feito com dinamite;
foi então que as cégadas en-
traram a mendigar como se
aquele rei Carnaval tivesse
uma larga lista civil a empo-



ovos nas cabeças. Havia,
no epilogo da festa, can-
ceira e fermentavam os
tremoços nos interstícios
das pedras cidadinas.

Nós quizemos civilisar
o Carnaval, fazer d'ele
uma instituição. Regula-
mentámos a folia n'um
alucinado paradoxo. A
cidade, já então republi-
canizada, até aclamou um
rei do Entrudo. E, então,



1. Os guitarristas...—2. Os gladiadores da dança da Bica—3. Cena do carnaval em Nice.
(Cliché Chusseau Flavien).



O CARNAVAL : Uma visita descuidada.—(Desenho da distinta artista sr.^a D. Filomena Freitas)



O CARNAVAL: Metendo medo á avó.—(Desenho da distinta artista cr.ª D. Filomena Freitas)



breer os subditos. No tempo dos nossos avós houvera como um exacerbamento na religião da folia e José Augusto, prégador faceto, aparecia a sermonar nas praças publicas; agora era um desconhecido que passava entre a frieza e o aborrecimento.

O Carnaval lisboeta, não podendo ter o brilho das festas de Nice e de Monte-Carlo, decepados pelas ordens policiaes os seus naturaes instintos de brutalidade, tornou-se n'um insipido e incaracteristico tempo em que ha mais mendicidade e

1. O velho d'entrudo nacional—2. Na praça Massena, em Nice: um baile em plena rua. (Cliché Chusseau Flaviens)
3. O teatro antigo e moderno no carnaval de Nice.



O CARNAVAL: Sob o peso das «cinzas».—(Desenho do sr. Gaspar Teles)



nas ruas, mais farrapos com ares d'alegria e pingando tristeza. Tem um símbolo o nosso Entrudo: um boejo.

O espírito morreu quando

lão largo, aconchegando bem a máscara e o dominó, a audácia d'um desconhecido que se intromete n'um rancho e tanta graça tem que, por fim, o convidam para o ano seguinte; as mil peripecias de todas essas travessias, as recordações que

não esqueceram.

Do Carnaval, finalmente, só ficou a máscara, essa arma terrível que tem, por vezes, magiços poderes de fazer do mais semsaborão o mais espirituoso e do mais envergonhado de maiores audácias, a máscara que, tendo vindo dos rostos patricios das venezianas, se ativelou também nos dos *chêchés* que enchem as ruas de Lis-

se foi a excitação e ficou como prototipo, como o

cliché, a frase atirada de máscara para máscara:

Bem te conheço! ..

Com isto se passam os dias de entrudo, que, geralmente, são lamacentos e chuvosos. Ha, porém, ainda uma diversão que a rua vê apenas sem lhe sentir a voz. São as visitas às pessoas conhecidas, a intriga que se faz, os ditos que se tocam duas voltas de valsa n'um sa-



1. Como os Fenianos, do Porto, festejaram o Carnaval: uma linda guarda avançada.

boa pedindo pançadinhas e moedas de vintem.

Não podia ter mais triste destino.

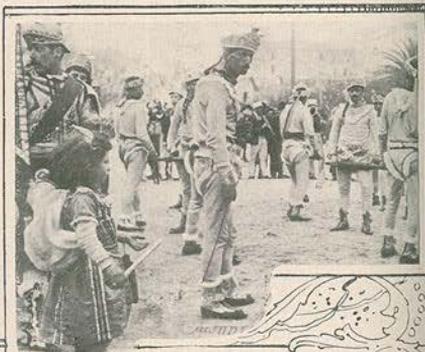
Realmente, ter intrigado nos bailes de Veneza e sido refletida pelo Adriatico e acabar assim, é um cumulo!

Mas é o que sucede a todas as tradições. O Carnaval não se podia furtar a isso.

Eis a razão porque liqu'ará em breve como uma instituição falida.



2. Aspêto da dança da luta, cuja tradição se perdeu.



3. Outro aspêto da dança da luta

UMA FESTA D'ARTE NO CHIADO TERRASSE



1

Madame Stegner Prado é uma das nossas mais distintas professoras de canto e, nas festas onde tem apresentado as suas alunas realisadas já por varias vezes no salão da *Ilustração*



2



3



4



5

Portuguesa, bem tem demonstrado as suas aptidões e as belezas do seu metodo de ensino.
Ha dias a illustre



6

1 A professora, sr.^a D. Ermelinda Stegner Prado.
2, 3, 4 e 5 A' entrada do esp. de áculo.
6. O sr. Sabino Correia Junior, emprezario do Chiado Terrasse.
Clichés de Benollet)



cantora fez, no Chiado Terrasse, cedido pelo seu ilustrado empresario sr. Sabino Correia, sempre gentilmente desinteressado, quando se trata de festas de arte, ou de beneficencia, a apresentação das suas discipulas, tendo concorrido ali a escolhida assistencia que costuma frequentar o elegante cinematografo, no qual tantas festas de beneficencia se têm realisado.

Foi um encantador espectáculo, cheio de brilho, sendo muito aplaudidos os trechos das canções portuguezas e os côros cantados por todas as a'unas, assim como a aria de *Jeanne d'Arc*, *Les larmes de Werter* e o *Bolero napolitano*, a que madame Stegner Prado deu todo o sentimento e expressão artistica.

1 e 2. As alunas da sr.^a D. Ermelinda Stegner Prado, que tambem tomaram parte na festa, sr.^{as} D. Celeste Santos e b, Judit Dias



3. As alunas da distincta professora Stegner Prado, que tomaram parte na festa. No 1.^o plano, da esquerda para a direita: sr.^{as} D. Elvira Silva, D. Umbelina Caly, D. Leonor da Silva, D. Catalina Vena, D. Madalena Prado, D. Beatriz Silva e D. Celeste Santos. No 2.^o plano: sr.^{as} D. Judit Dias, D. Adelia Barradas, D. Branca Toscano, D. Guilhermina Saraiva, D. Ester Toscano, D. Helena Caly, D. Alice Santos, D. Celertina Faria e D. Adelaice Silva. (Cliché do distinto fotografo J. Fernandez.)

Estrelas de Paris

olhos incomparáveis de mademoiselle Bonafé, a nova e já ilustre estrela de opereta, valem como o mais cintilante dos genios e a mais du'cerosa voz.

Uma coisa ha, comtudo, de comum entre essas figuras de teatro, de aptidões tão diversas e de meritos tão varios: é a elegancia, essa elegancia franceza, ou, dizendo melhor, parisiense que, em todos os palcos da grande capital, nos surpreende e nos encanta. Essa elegancia admira-mola nas artistas já citadas, como em mademoiselle Gaby



1. Mademoiselle Fepa Bonafé.—(Cliché Talbot)
2. Mademoiselle Guiselle.—(Cliché Felix)

A serie de retratos que a *Ilustração Portuguesa* hoje inclue na galeria já brilhante das *Estrelas de Paris* não pertence a arlistas do mesmo teatro, nem sequer de teatros do mesmo genero. São algumas figuras de destaque nas cenas parisienses. Não estabelecemos entre elas nenhuma especie de hierarquia. Seria, de resto, difficil fazel-o. Ao grande talento e á arte tão sobria e tão perfeita de mademoiselle Brandés, a antiga societaria da Comédie, cuja criação recente na *Flambée* lhe valeu um triunfo, haverá quem prefira a linda voz, a juventude, a alegria de mademoiselle Favart que, no palco da Gaité, nos deu ha pouco a mais bela das filhas de Madame Angot e, atualmente, na *réprise* do *Petit Duc*, a cada dia obtem um caloroso exito. Outros dirão que os



Marcy, a deliciosa comediante do Vaudeville; em mademoiselle Madelaine Dolley que a nossa fotografia representa no seu belo papel do *Bel Ami*; em mesdemoiselles de Léka e Guizelle, das Bouffes e da Renaissance; em

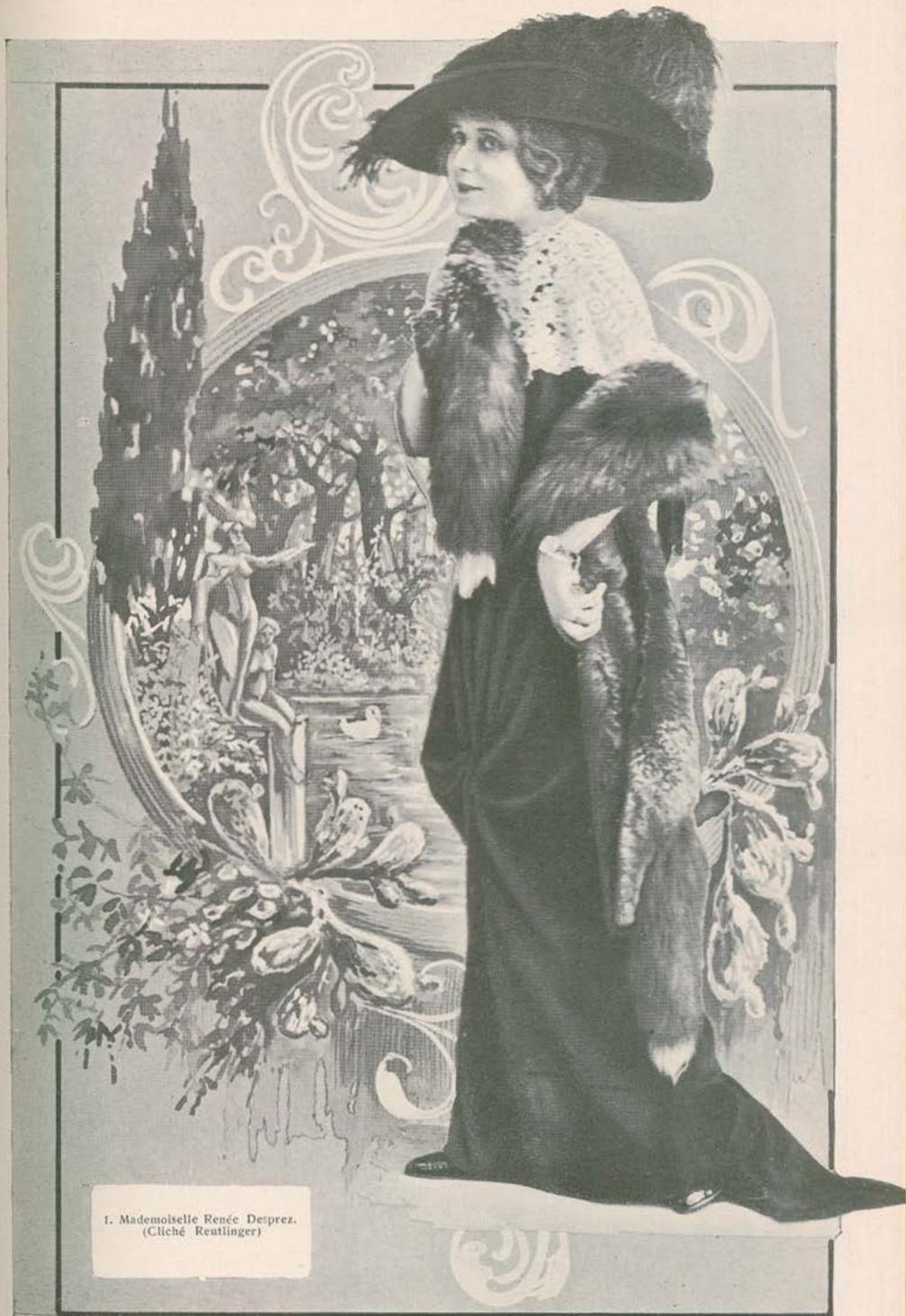


1. Mademoiselle de Léka (Cliché Felix)

mademoiselle Renée Desprez que no Theatre Michel admiramos, espirituosa e fina; em mademoiselle Andrée Mielly, a novel atriz cuja recente estreia na *Mademoiselle Jasmin*, de Willy, constitue no Theatre Imperial o exito mais aus-

2. Mademoiselle Andrée Mielly.—(Cliché Felix)

3. Mademoiselle Marthe Brandés. (Cliché Valley)



1. Mademoiselle Renée Desprez.
(Cliché Reutlinger)



1. Mademoiselle Georgette Armand—Mademoiselle Teska Lyon—Mademoiselle Tusier e Mademoiselle Maud Gipsy na peça de Abel Hermant -Rue de la Paix.. (Cliché H. Manuel)

picioso; e ainda em mademoiselle Georgette Armand, mademoiselle Teska Lyon, mesdemoiselles Fusier e Maud Gipsy, que ha pouco tão gentilmente colaboraram n'esse desfile de preciosas criações da arte do chiffon que a Rue de la Paix, de mr. Hermant, nos permitiu admirar. E vo'lá a mais

admiravel das constelações.

Estrelas de primeira grandeza umas, mais modestas outras, mas todas seduzindo o olhar dos que as contemplam n'este ceu incomparavel.

Paris.

R. de C.



2. Mademoiselle Dolley—(Cliché H. Manuel)

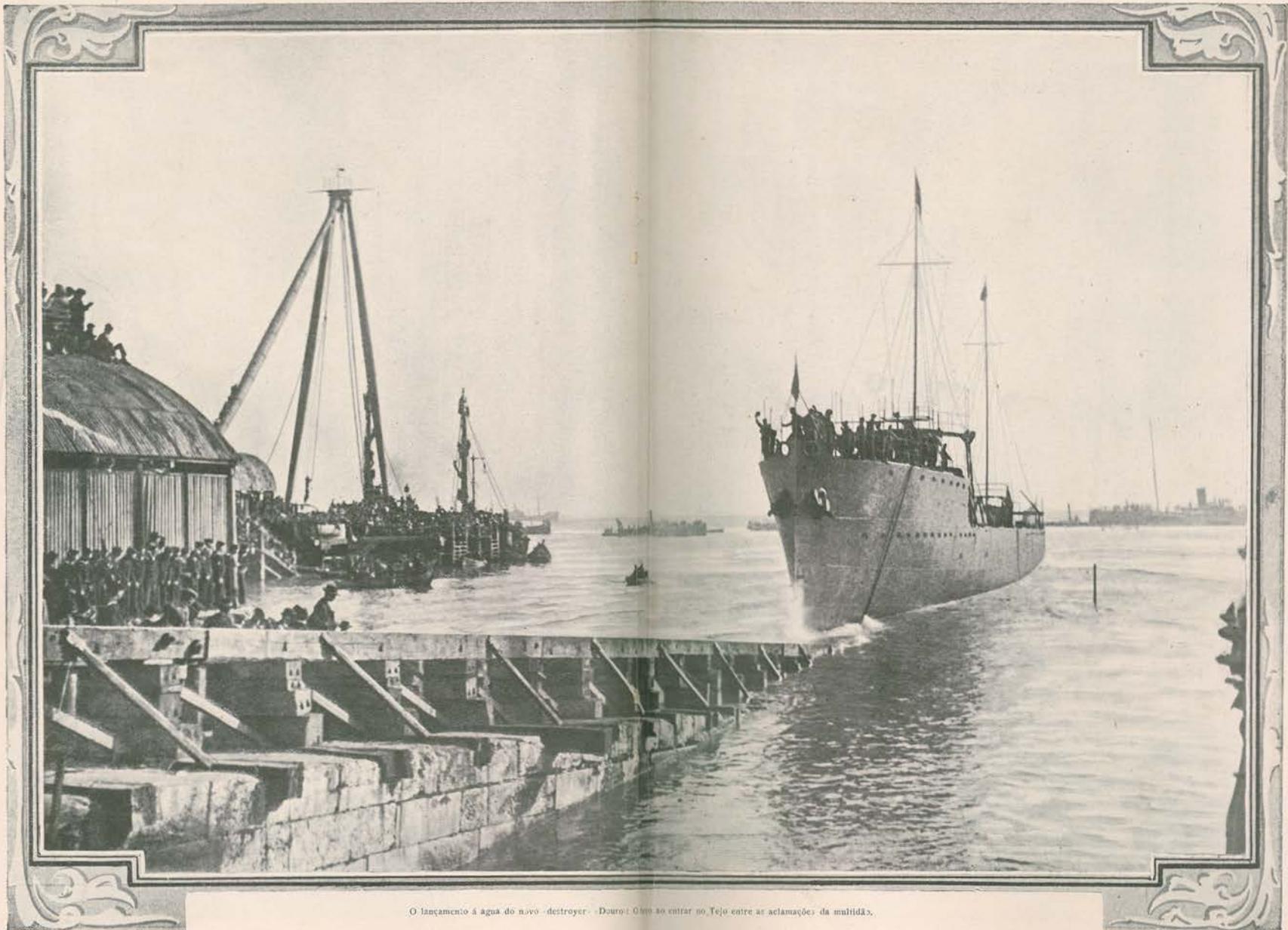


O LANÇAMENTO DO DESTROYER "DOURO" AO MAR

Em 22 de janeiro, com a assistência do chefe do Estado, que, em nome da pátria e da Republica, tocou na prôa do navio, desejando uma feliz carreira

O lançamento á agua do destroyer "Douro": O presidente da Republica ◊ batendo á cavilha diante dos membros do ministério, sr. drs. Afonso Costa ◊ e Antonio Macleira ◊

a essa nova unidade da nossa marinha, em Portugal construída, e que tem um deslocamento de 700 toneladas e 73^m de comprimento, entre prependiculars.



O lançamento á agua do novo -destroyer- 'Douro': O momento de entrar no Tejo entre as aclamações da multidão.



Amendoeira

Aquela antiga amendoeira, aquela
Que eu já cantei em versos de rapaz,
Não perde nunca o ensejo de ser bela,
Em cada abril mais juventude traz.

Ponho-me agora a vê-la da janela
N'esta hora doce e mística da paz :
E ela, que é velha, egual a donzela
No manto todo em flôr, que Deus lhe faz !

Poetas, vêde a linda amendoeira !
Que a beleza, a bondade refloreça
Em flôr e fruto, n'um divino amôr !

Não envelheça a alma ! De maneira
Que até á morte nunca se envelheça,
—E a vossa obra dará sempre flôr !

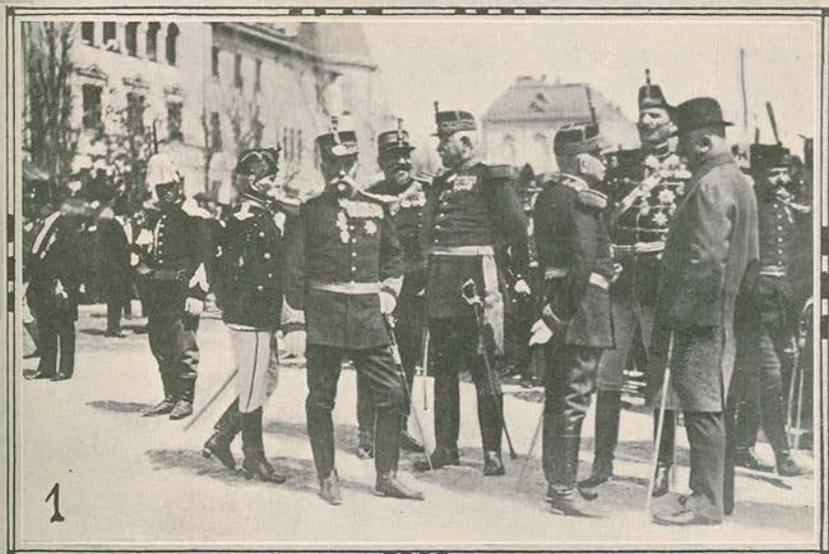
Julio Brandão.

1. Julio Brandão, autor dos versos. 2. (Cliché do distinto fotografo amator,
sr. Antonio C. Santos, de Lagcs)

A guerra dos Balkans

A guerra paralisada durante algum tempo tem um pomo de discordia: Andrinopla.

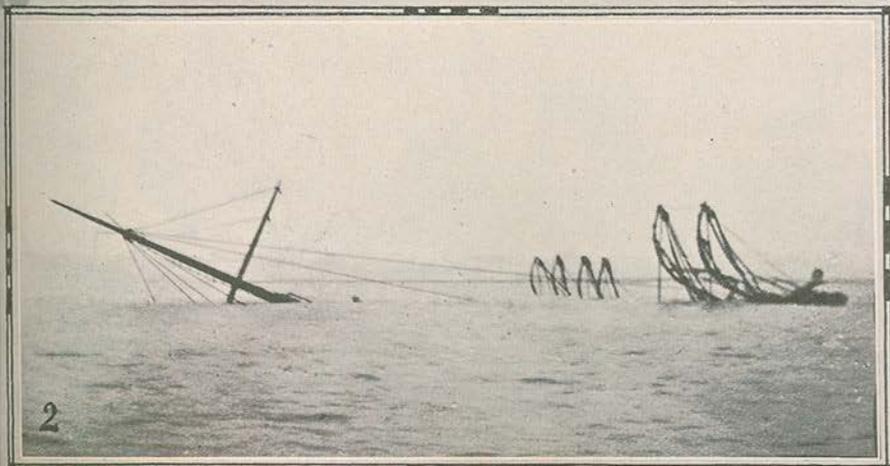
servar a fortaleza. Ao mesmo tempo veem-se embaraçados para a continuação das operações receando a



Os aliados desejam que a cidade fique pertencendo aos bulgaros, tendo, todavia uma ação neutral; os turcos não querem ceder n'esse ponto, tendo o maior interesse em con-

falta de materiaes e temendo um golpe de mão sobre a Turquia asiatica desguarnecida.

O comité joven turco declarou, todavia, não ceder Andrinopla.



1. O estado maior roumaico, de que tanto se tem falado nos ultimos tempos, a proposito do esboçado conflito roumaico-bulgaro. (Cliché Délius).—2. O que resta do couraçado turco, metido a pique pelo couraçado grego «Volkis». (Cliché Central Photos).

Figuras e Factos

O sr. Alves de Souza é um distinto artista que se tem notabilizado com algumas excellentes *maquettes*, destacando-se entre ellas a do busto da Republica, destinado á



nossa legação de Paris, e que é um excellentes trabalho.

Hamuito a esperar do talento e da vontade do novo escultor, que tem um futuro marcado na arte portugueza.



A sr.^a viscondessa de Bivar, que faleceu com 92 anos, foi uma das mais distintas senhoras do seu tempo. Chamava-se D. Margarida d'Almeida Coelho e era natural de Lagos. Deixou na maior consternação as pessoas da sua familia, constituindo o seu funeral uma grande manifestação de pesar.



Faleceu em Castello Branco o general sr. Francisco Nunes da Silva, que foi um distinto official do nosso exercito, tendo exercido com brilho varias commissões de serviço, sendo varias vezes louvado pelo inexcelsivel zelo com que occupava os cargos em que o investiam.

A Junção do Bem

Instituição Particular de Beneficencia

(Irmandade de S. Nicolau)

Diploma Honorario concedido pelo

Sr. Visconde

em reconhecimento aos serviços prestados a esta Instituição

S. Paulo

Paulista 3 de 1911

Presidente
 1.º Vice-presidente
 2.º Vice-presidente
 3.º Vice-presidente
 4.º Vice-presidente
 5.º Vice-presidente

5



1. O busto da Republica, da Legação de Paris—2. O escultor Alves de Souza, autor do busto da Republica, destinado á Legação de Paris—3. Sr.^a viscondessa de Bivar, falecida recentemente, na idade de 92 anos—4. General sr. Francisco Nunes da Silva, falecido recentemente em Castello Branco—5. Modelo do diploma da Junção do Bem, trabalho de Leal da Camara, tendo sido o illustre diretor do Seculo, sr. Silva Graça, um dos primeiros benemeritos com elle agraciado.

Ainda o naufragio do «Veronese»

77 naufragos do *Veronese* vieram do Porto para Lisboa, onde embarcaram no *Avon* com destino a Inglaterra, mostrando-se todos muito re-

oficiaes foram a bordo do *Veronese* quando a maré baixou e o mar se acalmou, tendo percorrido varias dependencias do navio, d'onde retiraram



conhecidos pela fôrma carinhosa porque foram tratados, tanto pelo povo como pelas autoridades.

Realmente os trabalhos de salvamento não deixaram nada a desejar, representando um esforço enorme. Basta dizer-se que, tendo sido salvas 89 pessoas, foi necessario puxar a braço 178 vezes o cabo portador da boia circular, que tinha 300 metros de comprimento.

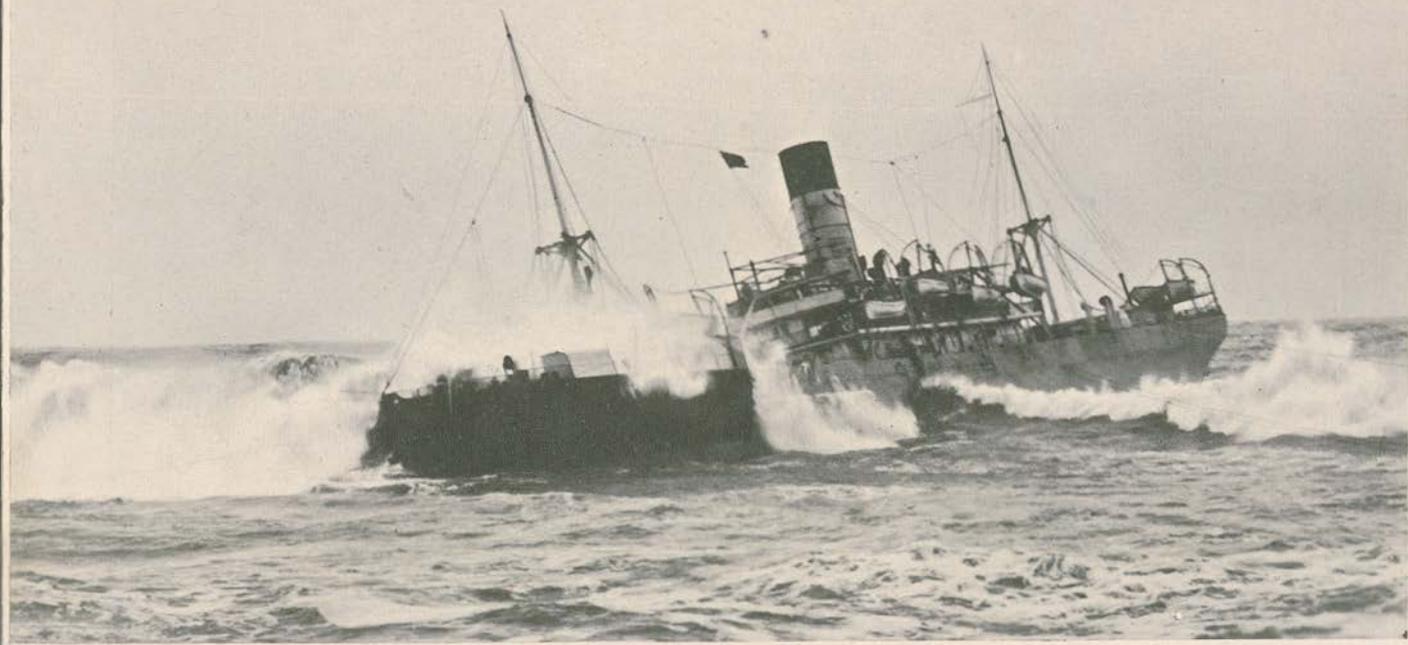
O agente da companhia, o diretor, o comandante e alguns



1 e 2 Os naufragos do «Veronese» em Lisboa, antes do seu embarque no «Avon» para Inglaterra. (Cliché de Benoliel)

ainda roupas, objetos nauticos, documentos e malas com valores, que se encontravam nas cabines de 1.ª classe.

No porão do navio apareceram tres cadaveres, de dois homens e d'uma mulher, colocados de bem horrora maneira. A mulher, semi-nua, com as mãos crispadas, ficou entalada entre os ferros dos beliches de 3.ª, no meio de uma avalanche de enxergas, malas e caixas. Os homens, esfarrapados tambem entre



Nafragio do «Veronese»: Depois do desembarque dos passageiros e tripulantes.



Naufragio do «Veronese»: Um foguetão na sua trajetória para o paquete «Veronese». (Clichés dos distintos fotografos A. Vieira & F.^o—Fotografia Industrial, Porto, Leixões)

bagagens, teem nos rostos contorcidos a nota de quanto foi terrível a sua agonia. Vinte e cinco trabalhadores andaram retirando alguns salvados para bordo do rebocador *Hermes*, aparecendo abertas algumas malas, que talvez os seus proprietários, no meio da sua angustia, tivessem arrombado para lhes tirarem os valores portateis, na esperança de salvamento.

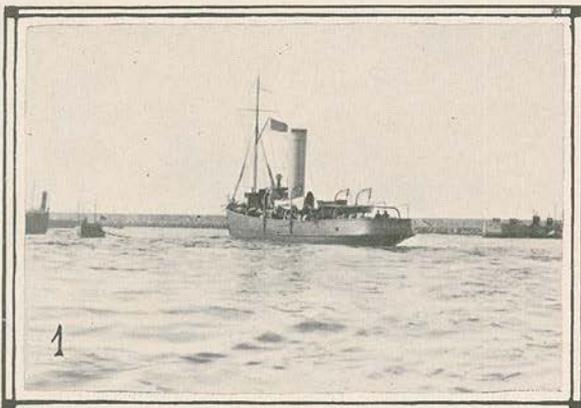
Também se retiraram de bordo as malas do correio que se destinava a Buenos-Aires, Montevidéu e Rosario e o vapor

de salvadego *Cap Finisterre* entrou em Leixões, a fim de principiar os seus trabalhos no *Veronese*.

Dois escaleres do navio naufragado também se salvaram.

Continúa sempre uma grande ro maria á praia da Boa Nova a vêr o barco que, ao largo, recebe sempre o embate das ondas altas, que o atacam violentamente por estes dias de temporal, que nas nossas costas tanto se

faz sentir, sendo, por vezes, de grande violencia.



1. O Berrio, entrando em Leixões, de Maio. (Cliché

com os naufragos salvos pelo Cego C. Ferreira Cardoso).



2. O salva vidas Cego de Maio, tripulado por maritimos da Povoá que salvaram 101 naufragos.

O naufragio do *Veronese* continuará por muito tempo a lancear os espiritos. A catastrophe deixou o seu rastro de terror, a sua tremenda impressão, que não se apagará tão cedo. Os temporaes que sobrevieram não deixaram proseguir com maior intensidade os trabalhos de salvamento iniciados bravamente em relação aos naufragos e proseguindo do mesmo modo ao tratar-se dos objetos, alguns bem valiosos, que vinham a bordo.

O commissario do navio ficou em Portugal para fazer um arrolamento de todos os objetos que aparecerem, tendo tomado conta, entre outros, de vinte preciosas malas pertencentes ao sr. Turnbull, que ia para Buenos Ayres, onde é estabelecido, e as quaes foram remetidas ao seu dono pelo paquete *Anselm*, para Liverpool, onde se recolheu durante algum tempo com sua familia.

Durante alguns dias as ondas foram tão violentas que não permitiram a continuação dos trabalhos.

Houve porém, um dia, em que o comandante foi a bordo do *Veronese* percorrer cuidadosamente os compartimentos onde a agua ainda o deixava chegar. O bravo marinheiro pôz



1. Os naufragos subindo para o Posto de Desinfecção em Leixões.

n'essa tarefa um cuidado e um carinho extranhos, como se lhe custasse muito a apartar-se da carcassa do seu pobre navio naufragado.



2. O sr. Carlos Teixeira de Freitas, naufrago portuguez sobrinho do sr. visconde da Ribeira Brava e que já naufragou tres vezes: uma no «Mauritania», outra no hiante «Maria», e agora no «Veronese».



3—O naufrago Domingos Alvarez, depois de curado d'um ferimento na cabeça que foi cosido com 17 pontos naturaes.—(Cliché de Carlos Pereira Cardoso)

Ao penetrar na pôpa do navio o capitão encontrou ainda mais dois cadaveres e, ao chegar a



1. Naufragio do Veronese: O disparar d'um foguetão.



2. O vapor encalhado, vendo-se á direita, no ar, um foguetão para estabelecer o cabo.
(Clichés do distinto fotografo sr. Aurelio da Paz dos Reis)

terra, dis- se-o, na an- ciedade de os re- mover pa- ra o cem- iterio, mas de- balde isso se ten- tou por- que a gua tem tudo invadido.

Uma fa- milia in- gleza que perdeu dois filhos no nau- fragio pro- mete um premio de quinhen- tas libras a quem encontrar os cada- veres dos pequenitos que, segundo desejam os seus inconsola- veis paes, iriam repousar em Inglaterra em lugar bem per- to dos que tanto os amaram.

Quem sabe se não serão as duas infortuna- das crean- ças que o coman- dante do *Veronese* viu e em cujos cada- veres não foi possível ainda to- car.

O mar tem arro- jado á praia muitos destro- ços.

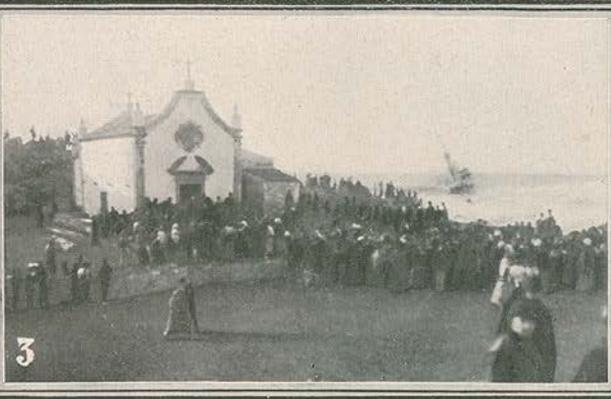
O Insti- tuto de Socorros



1—O medico de bordo, D. Fernando Alvarez, membros da Cruz Vermel e a c parte das senhoras que ajudaram a socorrer os naufragos.



2—Os naufragos á sua chegada a Leixões levantando «vivas a Portugal» como saudação á multidão que os esperava



3 A capela da Boa Nova onde esteve o posto da Cruz Vermelha sob a direção do sr. dr. Queiroz Magalhães.—(Clichés do sr. Carlos Pereira Cardoso)

a Nau- fragos tem recebido inume- ras felicita- ções pela for- ma por- que se reali- saram os sal- vamentos que, co- mo se sabe, foram levados a cabo com uma ener- gia e uma bravura singu- lares que mais uma vez os nossos bravos marinheiros sou- beram mostrar na afir- mação do seu valor. São mais nomes a ins- crever n'esse livro de bravura e hon- ra que já é a epopeia dos mar- inheiros portu- guezes, d'esses deno- tados tripu- lantes dos salva- vidas que arri- scam a vida para poupar os seus seme- lhantes com uma singular e grandio- sa abne- gação, que chega ao su- blime.

EM SALVATERRA DE MAGOS

A-ENTREGA-DO-EDIFICIO-ESCOLAR-CREADO-POR-SUBSCRIPÇÃO-ABERTA-NO-SEculo-



1

1. A nova Escola de Salvaterra.
2. A vereação da Camara de Salvaterra com o seu estandarte.
3. As creanças da escola depois da sessão solene.

Inaugurou-se no domingo, 26 de janeiro, a escola de Salvaterra de Magos, edificada com o produto da subscrição aberta no *Seculo* e que foi construída pelo habil construtor civil, sr. José Passos de Mesquita, segundo a planta e sob a fiscalização superior do ilustre arquiteto, sr. Ventura Terra.

A entrega da escola fez-se com toda a solenidade ao sr. dr. Carneiro de Moura, representante da direção geral d'Instrução primaria, pelos srs. José Silva Graça e Antonio Maria de Freitas, representantes do *Seculo*, assistindo os srs. Ventura Terra, José de Passos Mesquita, José Eugenio de Menezes, ilustre presidente da camara municipal de Salvaterra, que tanto cooperou na realização d'aquella grande beneficio, os vereadores, srs. Manuel de Sousa Dias, João Ferreira Vasco, Francisco Lopes da Rosa e Antonio Pinto Cordeiro e o secretario sr. Carlos Moraes Barreiros.

Assistiram tambem, além de muitas outras pessoas importantes e de numerozo povo, os srs. Afonso Sergio, administrador do concelho, Antonio



2



3

Guedes Gama, secretário de finanças, José Adelino Silva, presidente do centro republicano, os distintos professores srs. Manuel Frazão d'Azenha e D. Francisca Piçarra, acompanhados dos seus alunos.



iniciativa do *Seculo* e do seu diretor, sr. Silva Graça, sem a qual a laboriosa vila de Salvaterra não teria hoje uma escola modelo, o trabalho brilhante do arquiteto e do construtor, bem como a



1. Durante a sessão solene: o sr. dr. Carneiro de Moura tendo ao lado esquerdo o illustre arquiteto sr. Ventura Terra e á direita o sr. Eugenio de Menezes, presidente da Camara.

Fizeram-se alocuções entusiasticas, pon-do em relevo a benemerita



2. O povo de Salvaterra, assistindo á inauguração da nova escola.

dedicação patriótica com que a camara acompanhára a construção, proporcionan-lhe uma vasta areadeterreno. Foi uma festa que ficou gravada no coração de todos.

3. Depois da inauguração da escola e do almoço oferecido pelo presidente do municipio, sr. Eugenio de Menezes. (Clichés de Benoliel)



O NOVO MINISTERIO FRANCEZ: 1, mr. Briand, presidente do conselho—2, mr. F. David, ministro da agricultura—3, mr. Bourely, sub-secretario das finanças.—4, mr. Paul Morel, sub-secretario do interior—5, mr. Chaumet, sub-secretario dos correios e telegraphos—6, mr. Dupuy, ministro das obras publicas—7, mr. Bernard, trabalho—8, mr. Jonnard, estrangeiros—9, mr. Guist'hau, commercio—10, mr. Luiz Barthou, justiça—11, mr. Jean Morel, colonias—12, mr. Klotz, finanças—13, mr. Bandin, marinha—14, mr. Street, instrução publica—15, mr. L. Bérard, sub-secretario das Belas Artes—16, mr. Etienne, guerra.—(Cliché Central Photos)

A festa da arvore



1. Na dia da cerimonia: A direção da Liga d'Instrução, que promoveu a festa no Colizeu, seguindo o intuito instrutivo do «Seculo Agricola», cuja iniciativa tem adeptos entusiastas em todo o paiz.



2—As creanças das escolas plantando as arvores na Avenida.

(Clichés de Benoliet)

Figuras e Factos



1—General sr. João Augusto d'Abreu e Souza, recentemente falecido. 2—Dr. Tito Vespasino Castelo Branco, falecido recentemente, retrato antigo. 3—Sr. Antonio Sant'Ana, camaroteiro do Ginasio, recentemente falecido.



4—O desafio de «foot-ball» nas Laranjeiras, que ficou empatado, havendo de parte a parte um «goal»: O «team» do Foot-ball Club de Madrid.



5—O «team» do Club Internacional.

(Clichés de Benoiel)